

## BÁRBAROS E CIVILIZADOS: REPRESENTAÇÕES DE UMA AMÉRICA EM CONSTRUÇÃO

José Alves de Freitas Neto  
(IFCH Unicamp)

Alguns jogos binários têm a força de se perpetuarem em nossos imaginários como se fossem capazes de expor, de forma unívoca, seus significados e apelos. No caso do continente iberoamericano, sobretudo nas representações das letras e das artes plásticas no século XIX, talvez não haja nada que se equipare à proposição entre a civilização e barbárie. O objetivo deste breve texto é refletir sobre algumas pistas propostas pela historiografia americanista acerca do tema e, de maneira introdutória, dialogar com os textos dos integrantes do Seminário “O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil”, realizado pelo Centro de História da Arte e Arqueologia – CHAA, por estudantes da pós-graduação e pelo curso de graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em maio de 2009.<sup>1</sup>

A questão civilização/barbárie pode ser pensada, no caso da América hispânica, como um constructo das nações que emergiram no continente a partir do início da segunda década do século XIX. Diante do explícito propósito de inserir-se em uma história europeia, que se apresentava como universal, escritores e políticos estabeleceram programas nos quais identificavam o que deveria ser buscado e o que

---

<sup>1</sup> Agradeço a Alexander Miyoshi pela organização do evento e pelo convite de integrar esta publicação. Este texto, originalmente, era para ser uma apresentação do Seminário, mas considerando o tema apaixonante e as relações com minha área de atuação, História da América, optei por fazer um texto sucinto sobre o tema central do Seminário. Mas as questões de fundo, evidentemente, estão contempladas nos excelentes artigos dos especialistas que se dedicaram a pensar o tema nas representações artísticas no Brasil.

deveria ser superado na história do continente. Dessa forma, conceitos como civilização e barbárie indicavam o que se almejava e o que se refutava para a história a ser construída a partir das nações independentes. O principal formulador desta questão foi o argentino Domingo Faustino Sarmiento,<sup>2</sup> que escreveu o clássico *Facundo: civilização e barbárie* (1845). Embora sua obra se propusesse a refletir o contexto das disputas platinas, suas indagações inspiraram debates em diferentes regiões da América.

Na escrita sarmientina o espaço físico emerge como uma das questões centrais. A extensão territorial e a solidão do *gaucho* não se constituíam no ideal da construção da nação. Não havia distinção entre o homem do campo e a própria natureza, pois ambos se harmonizavam e, portanto, no discurso oitocentista da civilização, a realidade do pampa era um desafio sem igual. O espaço físico era a base de uma reflexão sobre projetos políticos. As imagens produzidas

---

<sup>2</sup> Domingo F. Sarmiento (1811-1888) nasceu em San Juan, vivenciando as movimentações interioranas das guerras civis geradas nas primeiras décadas pós-independentistas. Longe dos eventos constitucionais de Buenos Aires, conheceu as batalhas travadas entre unitários e federais, estes representados por Juan Facundo Quiroga, por exemplo, destacado general de guerra que seguiu ocupando territórios argentinos segundo os ideais políticos do caudilho Juan Manuel de Rosas (1793-1877), um dos principais líderes políticos da Argentina do século XIX. Integrante da chamada *Geração de 37*, que reunia escritores e pensadores alinhados com o pensamento liberal e opositores de Rosas, Sarmiento escreveu e foi um dos principais expoentes de uma nova linhagem política na Argentina. Entre 1840 e 1855 o autor sanjuanino vive seu “período chileno”, de onde surgiu seu livro *Facundo: civilização e barbárie*, publicado em 1845. A obra aborda as diferenças entre Buenos Aires e o interior, a partir de questões como a natureza, os costumes, a cultura, as concepções políticas e as fragilidades na conturbada história política argentina. Propostas como o povoamento e a fixação de cidades no que se convencionou chamar de “deserto argentino” estão na obra como sugestão para evitar que a barbárie, entendida como resistência à institucionalização, à lei e à modernização, fosse vitoriosa. Sarmiento foi presidente da Argentina entre 1868-1874.

sobre a vida agrária, com influências de caudilhos, brutalidades e desmandos, expressavam uma concepção que, como escreveu a ensaísta Graciela Montaldo,<sup>3</sup> tornara-se presente na tradição cultural argentina. Mesmo que a cultura urbana, identificada como civilizada, tenha sido dominante na segunda metade do século XIX argentino, os temas agrários, as imagens do campo e seus tipos, seguiram ativos nas letras austrais por todo o século XIX, mais como problema estético-ideológico do que como representação artística.

Se a proposição binária era útil para os propósitos políticos daquela época e para a afirmação de determinadas visões e valores culturais, devemos registrar que a operação não era tão simples, nem esquemática. O discurso que se produzia era oriundo de elites ilustradas e que defendiam princípios vigentes na tradição europeia. Porém, a realidade que literatos e artistas tentavam representar era ambígua e suas contradições estavam a olhos vistos: a maioria da população, composta por indígenas e camponeses sem instrução, estava distante do discurso civilizador e hierarquizado que se procurava estabelecer. A população era o alvo das reflexões, mas não interlocutora da discussão.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> MONTALDO, Graciela. *Ficciones culturales y fábulas de identidad en América Latina*. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 1999, p. 53.

<sup>4</sup> Sobre esta questão ver a obra de SVAMPA, Maristella. *El dilema argentino: civilización o barbarie. De Sarmiento al revisionismo peronista* Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto/Imago Mundi, 1994. “La imagen ‘Civilización y Barbarie’ tuvo un primer empleo en Argentina al sintetizar el principio de legitimación política del liberalismo triunfante y una estrategia de lucha para llegar ao poder. ‘Civilización o Barbarie’ fue desde el principio una imagen polisémica; su eficacia simbólica se hallaba relacionada con la capacidad de abarcar y enlazar distintas problemáticas y registros como como lenguajes diferentes. Se insertó (...) en el dispositivo simbólico de la construcción liberal, dentro de un proyecto general de modernización. Dicha imagen expresaba cabalmente las dos dimensiones del proyecto civilizatorio: la exclusionista y la integradora.” (p. 290)

Ora, se era esta a condição, por que é que a discussão se propagou? Por que este tipo de discurso auxiliou a produção de identidades na América? As respostas, evidentemente, não são únicas. Porém, podemos resgatar algumas sugestões mapeadas pela historiografia que se dedica à circulação das ideias no contexto da passagem do período colonial para o das independências.

Um dos primeiros pontos é o que Leopoldo Zea, que desde meados de 1960 dedicou-se a pensar o lugar da América Latina na história, identificou em suas obras como sendo a busca de alternativas e idéias para o que ele designou como “século das crises”. Na América oitocentista buscava-se “apagar” o passado colonial e buscar modelos que se diferenciavam da tradição espanhola. A máxima da civilização como progresso, segundo o filósofo mexicano, era um segundo encobrimento da América, pois ela teria que se tornar homogênea, encobrendo diferenças e estabelecendo um parâmetro que políticos liberais na Argentina e no México, para ficarmos nos exemplos mais conhecidos, perseguiram a todo custo. O bárbaro poderia deixar de sê-lo e travestir-se de civilizado, porém, esta opção equivaleria a marcar novos limites para a barbárie, mas não a sua aniquilação, pois o jogo binário perderia seu significado, se um dos pólos fosse eliminado.<sup>5</sup> Assim, de forma ampla, indígenas, *gauchos*, imigrantes, representaram a cada tempo, a personificação da barbárie que se estabeleceu na ordem discursiva americana.

Uma outra perspectiva é a alinhavada recentemente pelo argentino Elías J. Palti<sup>6</sup> que, partindo das linguagens políticas, observou ser o século XIX um tempo de refunda-

---

<sup>5</sup> Ver a questão em: ZEA, L. *Discurso desde a marginalização e a barbárie; A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.351.

<sup>6</sup> PALTÍ. Elías J. *El tiempo de la política: el siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

ção e de quebra de ordens tradicionais, e diante de tal quadro, as questões teriam que ser resolvidas exclusivamente no campo da política. Portanto, fazer as interconexões de sentidos como civilização e progresso, e as apropriações destes conceitos em meio à disputa política apaixonada é ilustrativa da emergência de novos âmbitos e sujeitos políticos. Para o autor, as linguagens políticas são indeterminadas semanticamente, podendo afirmar-se coisas contraditórias e havendo sempre um processo de “tradução” da cultura política nas diferentes localidades. As linguagens políticas, histórica e precariamente definidas, são úteis e se perpetuam ao oferecer problemáticas que alimentam os debates oriundos do século XIX.

Outra hipótese é a que estabeleceu Mary Louise Pratt em sua obra *Olhos do império: relatos de viagem e transculturação*,<sup>7</sup> publicada originalmente em 1992. Ao propor-se o estudo do gênero narrativo como uma crítica ideológica, a partir dos viajantes europeus pós-1750, a autora preocupou-se em identificar como estes relatos produziram o conhecimento do “resto do mundo” para os europeus. No caso específico dos hispanoamericanos, segundo a pesquisadora, os escritores selecionavam e adaptavam os discursos sobre a América a partir das referências da elite *criolla* para que pudessem ser, de alguma forma, compreendidos pelos europeus. A Europa, como ordem discursiva, passava a ser parte do problema e não da solução nas descrições sobre a barbárie americana. Os projetos se mostravam distantes, porém, a ordem discursiva empreendida pelos *criollos* ou por autores como Sarmiento, poderiam ser descritas como uma prática de mediação cultural.

Este processo, designado por Pratt como “autodelimitação crioula”, expressava os desafios que as elites en-

---

<sup>7</sup> PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Baruru: Edusc, 1999.

frentavam para legitimar-se. Sair da condição de ex-colonizados e instaurar uma nova ordem política e cultural significou uma série de improvisos para os *criollos* que, por um lado defendiam sua autonomia, e por outro, mantinham valores europeus e da supremacia branca. As agitações no continente consistiam, efetivamente, na observação de que estavam diante de uma situação inédita:

(...) a América espanhola era de fato um Novo Mundo em movimento, num curso de experimentação social para o qual a metrópole europeia fornecia parcos precedentes. As elites encarregadas de construir novas hegemonias na América Latina foram desafiadas a imaginar muitas coisas que até então não existiam, incluindo a si mesmas enquanto indivíduos e cidadãos da América Latina republicana.<sup>8</sup>

Outra corrente interpretativa que explica a permanência dos discursos sobre civilizados e bárbaros na América é o exposto pelo crítico uruguaio Fernando Ainsa, em obra de 1986, *Identidad cultural de Iberoamérica en su narrativa*.<sup>9</sup> Partindo das relações entre ficção e identidade nas narrativas americanas desde o período colonial, o autor centra suas análises em dois conceitos caros para a discussão sobre a identidade iberoamericana: “imagem” e “contra-imagem”.<sup>10</sup> Ao referendar o conceito de identidade cultural como relativa e circunstancial, ao mesmo tempo em que os povos, como indivíduos, necessitam de algum grau de “cristalização” destas identidades para poderem se autorreferenciar, o autor debate os modelos culturais que auxiliam na produção das identidades. Um dos aspectos considerados por Ainsa é a herança cultural compreendida como um patrimônio que pode ser ensinado e apreendido. A identidade, neste proces-

<sup>8</sup> PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Baruru: Edusc, 1999.

<sup>9</sup> AINSA, Fernando. *Identidad cultural de Iberoamérica en su narrativa*. Madri: Gredos, 1986.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 15.

so de heranças, não se define a partir de si mesma, mas fundamentalmente em relação ao “outro”.

Este aspecto é fundamental para se entender o jogo de imagem/contra-imagem que se produziu. Um dos resultados desta construção é a auto-afirmação diante dos demais, num jogo dialético de escolhas e recusas que necessitam ser reconhecidas pelas partes envolvidas. Desta forma, os discursos americanos que exemplificam as discussões sobre civilização e barbárie, por exemplo, inserem-se dentro de uma tradição universalizante moldada a partir da história europeia. Nesta questão, o americano pode ser retratado como inferior, como os relatos pejorativos do naturalista Conde de Buffon (1707-1788) e do abade Corneille de Pauw,<sup>11</sup> ou ainda como um ser que habita um continente maravilhoso, como relatou um dos maiores nomes da história naturalista oitocentista, Alexander von Humboldt.

As oposições produzidas sobre as identidades ibero-americanas, porém, produzem discursos maniqueístas. Para Ainsa, no entanto, o que é relevante nestas narrativas é a permeabilidade dos conceitos e, de certa forma, uma relação intercultural, sem que com isso se considere ingenuamente que esta “relação” seja equilibrada ou que as forças não sejam díspares no âmbito da própria relação. Antes de apresentar uma extensa lista de opostos, Ainsa afirma:

<sup>11</sup> A visão destes autores e a polêmica que suscitaram está brilhantemente contada na obra de Antonello Gerbi. *O Novo Mundo. História de uma polêmica (1750-1900)*. S. Paulo: Cia das Letras, 1996. Em síntese, Buffon espalhou ideias como: a América foi a última parte do mundo que emergiu das águas; que os animais da América eram inferiores aos dos outros continentes e os indígenas fortíssimos diante dos suplícios, careciam de coragem ativa; que os homens eram débeis em seus órgãos de reprodução, dentre outras acusações. De Pauw também contribuiu para questionar o princípio do *bom selvagem*.

*En las parejas antinómicas que se enumeran a continuación, las connotaciones positivas y negativas se muestran cruzadas según los puntos de vista estéticos, ideológicos o políticos en juego. Más que una línea que separe tajantemente las dos columnas que presentamos, la ambigüedad y la oscilación de las fronteras nos permiten hablar de una interacción dialéctica entre unas y otras conceptualizaciones, según los períodos y según los países. Aunque la opción bipolar – positiva y negativa – debe ser rechazada desde un punto de vista crítico contemporáneo, no puede omitirse en la perspectiva histórica, tantas polémicas y tanta violencia se han desencadenado en su nombre.<sup>12</sup>*

Por fim, num volume que se dedica a pensar “selvagens e civilizados nas artes”, e numa proposta de diálogo entre estas representações, não poderíamos ignorar as contribuições de Enrique Florescano nas abordagens sobre imagens da pátria mexicana.<sup>13</sup> Deslocando-se espacialmente, da América do Sul para o México, e na tipologia de fontes, da linguagem textual para a visual, procuramos identificar continuidades de questões e desafios no mundo iberoamericano no momento da construção das particularidades e identidades de cada nação.

As concepções sobre a incapacidade dos povos nativos e a distância entre estes e os europeus eram similares, mas no México adquiria um grau de sofisticação que não pode ser menosprezado. A presença indígena era valorizada formalmente nos processos de independência e nos episó-

---

<sup>12</sup> AINSA, F. *op. cit.* p. 71. Entre as antinomias listadas pelo autor estão: civilização/barbárie; Caliban/Próspero; unidade/diversidade; cultura excêntrica/cultura central; movimento centrípeto/movimento centrífugo; interior/porto; campo/cidade; identidade/alienação; classicismo/vanguarda; sociedade/indivíduo; povo/elite; *criollo*/hispanico; nativo/imigrante; nacionalismo/ cosmopolitismo; indígena/europeu.

<sup>13</sup> FLORESCANO, Enrique. (org.) *Espejo Mexicano*. Fondo de Cultura Económica/ Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/ Fundación Miguel Alemán. México: 2002.; FLORESCANO, Enrique. *Imágenes de la patria a través de los siglos*. México: Taurus, 2006.

dios subsequentes. Portanto, a forma de diminuir a presença dos “bárbaros” era mais sutil e menos explícita do que a proposição dos liberais platinos. Para explicitar esta operação, Enrique Florescano se preocupou em fazer uma longa digressão a partir das problemáticas entre imagem e história.

Para o historiador mexicano, o predomínio da escrita alfabética e a visão de que os povos pré-hispânicos não tinham capacidade intelectual para alcançar a sofisticação da escrita fonética era uma forma de negar aos nativos a igualdade diante dos espanhóis. Esta questão teve equivalência na produção estética. Ao se perpetuar um modelo clássico renascentista, as representações indígenas foram tidas como primitivas, bárbaras e monstruosas, ao longo de quatro séculos. Contribuiu para esta visão, o papel dos clérigos católicos e dos colonizadores que identificaram as figuras e os trabalhos indígenas como manifestações satânicas.

Nos séculos XIX e XX, após as construções cristãs do período colonial, com destaque para a Virgem de Guadalupe como “figura-síntese” mexicana, as representações artísticas privilegiaram a ordem política. A história do México no século XIX teve uma sucessão de eventos que foram representados nas obras de arte. Desde o grito de Dolores, ocorrido em 16/09/1810, quando o padre Hidalgo liderou indígenas, camponeses e *criollos* em favor de uma pátria livre e desencadeou o processo de independência, passando pela instauração de uma breve monarquia católica até a perda do território na guerra contra os Estados Unidos, a história política e o resgate de antepassados, incluindo indígenas, tornou-se o principal tema das representações artísticas.

A substituição da história sagrada pela história nacional era estimulada pelo próprio Estado, construindo-se a metáfora de que o povo era o grande herói de sua história. Nas pinturas, teve papel fundamental a Academia de San Carlos, fundada em 1778 pela monarquia borbônica, que a

partir do estilo neoclássico representava os primeiros nomes da República. Ainda no século XIX, vários pintores e escritores como o cubano José Martí, se perguntavam por que a Academia não havia feito surgir uma escola mexicana de pintura. Pressionada, a Academia promoveu um concurso em 1869, no qual proliferaram os nomes da história pátria.

As concepções históricas também se alteravam nesta época, como afirma Florescano:

*El episodio de la conquista, el preferido de la literatura y la pintura del conquistador, cambió de significado. En lugar de exaltar el poder expansivo del Imperio español o el genio político de Hernán Cortés, los lienzos de Félix Parra, Fray Bartolomé de Las Casas (1875) y Masacre de Cholula (1877), son una condena de ese acontecimiento, que se representa como cruel, atroz y sanguinario, y como algo todavía dolorosamente presente y, por lo tanto, susceptible de un juicio moral. La representación del siglo XIX, después de la catastrófica experiencia de la pérdida del territorio, la humillación militar y la guerra civil, se transfiguro, a través de la pintura y la escultura, en un cortejo de héroes que comenzaba con el retrato de los libertadores, seguía con la imagen de los hombres de la Reforma y concluía con los vencedores del ejército francés. La imagen más radiante de este desfile heroico era la de la patria, transfigurada en una mujer mestiza, hermosa y triunfal.<sup>14</sup>*

O que esta descrição pode significar e como se relaciona com as representações de uma América em construção? Imediatamente o reconhecimento da presença do indígena e o distanciamento da história *criolla* católica dos séculos anteriores. Os enfrentamentos entre liberais e conservadores no México cindiu o país e, com a vitória dos liberais no período da Reforma (1858-1860) e a busca de novas legi-

timidades, resgatou-se um passado indígena idealizado, cujos símbolos eram incorporados ao ideário da pátria. Porém, a pátria liberal forjou a exclusão dos mesmos indígenas, mediante um processo de combate às línguas e diversidades culturais daqueles povos. Os processos de combate a práticas consideradas ignorantes, que inviabilizassem a concretização do progresso planejado pelos liberais, deveriam ser efetivados. A nova ideologia, a da mestiçagem, entrava no século XX, como sendo o discurso oficial que “apagara” as diferenças existentes no México e faria surgir um país cultural e historicamente homogêneo. O problema para aquela concepção, é que a história é dinâmica e os povos subjugados e excluídos tornaram-se protagonistas de importantes processos da nação mexicana, como a Revolução de 1910. A despeito das celebrações oficiais do centenário da independência, os rebeldes se insurgiram para lembrar que a história silenciada ou resgatada na parcialidade conveniente da representação mestiça, estava presente e tinha suas demandas.

Para concluir, é fundamental ressaltarmos que a América hispânica que emergia no século XIX era uma elaboração que sinalizava para os próprios americanos qual seria o seu lugar no mundo e, ao mesmo tempo, proliferando imagens e contra-imagens em diferentes modos narrativos, estabelecia o diálogo com o que era considerado modelar à época: a tradição europeia. Neste breve texto ressaltamos algumas interpretações e representações do ideal de civilização e da ameaça da barbárie nos discursos erigidos a partir dos processos de independência. Em nenhum momento era uma proposta conclusiva, mas um convite a perguntar-se sobre os motivos da permanência desta discussão.

Estes discursos do XIX eram visíveis e presentes à época em que foram erigidos: moviam paixões políticas, projetos estéticos e identidades. Enfim, um grande leque de questões que configuraram espaços, fronteiras e nações a partir de processos que envolvem constantes reinterpretations

<sup>14</sup> FLORESCANO, Enrique. (org.) Espejo Mexicano. Fondo de Cultura Económica/ Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/ Fundación Miguel Alemán. México: 2002. p. 38. A figura mestiça mencionada por Florescano é a *Alegoria de la Constitución de 1857*, pintada por Petronilo Monroy (1869).

ções e análises. Que na atualidade já não façamos uma leitura dualista, como muitas vezes ocorreu, é um dever. Porém, não podemos deixar de nos indagarmos sobre por que estes temas, como civilização e barbárie, continuam alimentando polêmicas em nosso tempo. Parece-nos que, mais do que repetir as antigas questões, estamos diante do incômodo de uma América representada pelo que não foi, pelo que não se concretizou a partir dos modelos dos próceres das independências. Dessa forma, sem que signifique referendar ou aceitar as premissas oitocentistas, estamos reconhecendo – às portas do bicentenário das independências –, o peso irrefutável dos discursos que foram produtores de significados e identidades, com os quais seguimos discutindo enquanto pensamos sobre o que é a América e como ela se constituiu.

## Referências bibliográficas

- ANNINO, Antonio & GUERRA, François-Xavier. (orgs.) *Inventando la nación. Iberoamérica, siglo XIX*. México: FCE, 2003.
- AINSA, Fernando. *Identidad cultural de Iberoamérica en su narrativa*. Madri: Gredos, 1986.
- CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, Provincias, Estados: orígenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.
- CORNEJO POLAR, Antonio. *O Condor Voa: Literatura e Cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- FLORESCANO, Enrique. (org.) *Espejo Mexicano*. Fondo de Cultura Económica/ Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/ Fundación Miguel Alemán. México: 2002.
- FLORESCANO, Enrique. *Imágenes de la patria a través de los siglos*. México: Taurus, 2006.
- FREITAS NETO, José Alves de. “As Histórias de Mitre: a Argentina e seus outros”. In: NAXARA, M. Naxara; MARSON, I. A. (Org.). *Figurações do Outro na História*. Uberlândia: Ed.UFU, 2009, pp. 389-410.
- \_\_\_\_\_. “A formação da nação e o vazio da narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX”. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, v.169, 2007. pp. 159-173.
- GÁRATE, Miriam V. *Civilização e barbárie n’Os Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas, SP: Mercado das Letras/Fapesp, 2001.
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. História de uma polêmica (1750-1900)*. S. Paulo: Cia das Letras, 1996.
- HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Una Nación para el Desierto Argentino*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.
- MONTALDO, Graciela. *Ficciones culturales y fábulas de identidad en América Latina*. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 1999.
- PALTI, Elías José. *La invención de una legitimidad: razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX*. México: FCE, 2005.
- \_\_\_\_\_. *El tiempo de la política: el siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Baruru: Edusc, 1999.
- RAMA, Angel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- SARMIENTO, Domingo F. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1997 [1845].
- SHUMWAY, Nicolas. *La Invención de la Argentina: historia de una idea*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.
- SVAMPA, Maristella. *El dilema argentino: civilización o barbárie: de Sarmiento al revisionismo peronista*. Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto/Imago Mundi, 1994.

ZEA, Leopoldo (coord.). *América Latina y sus ideas*. México: Siglo XXI, 1986.

\_\_\_\_\_. *Discurso desde a marginalização e a barbárie; A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

**José Alves de Freitas Neto** é professor-doutor do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordenador do curso de graduação em História (2006/2010). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2), é pesquisador da área de História da América contemporânea, com ênfase nas temáticas relativas a cultura e política, nos séculos XIX e XX.

## “CORA E ALICE”

### REFLEXÕES SOBRE O ENCONTRO ENTRE O SELVAGEM E O CIVILIZADO EM UM QUADRO PERDIDO DE FÉLIX-ÉMILE TAUNAY

Claudia Valladão de Mattos  
(IA/Unicamp)

**Resumo** A partir de uma obra desaparecida do artista paisagista Félix-Émile Taunay, representando uma cena do livro *O Último dos Moicanos* de James Cooper, o presente texto proporá algumas reflexões sobre a posição do artista, que foi durante mais de uma década diretor da Academia Imperial de Belas Artes, com relação à questão da representação do índio e das três “raças” formadoras do Brasil.

**Summary** Through the analysis of a lost work of the academic landscape painter Félix-Émile Taunay representing a scene taken from Cooper’s *The Last of the Mobicans*, the present paper will propose a reflection on the artist’s ideas about the representation of Indians and of the picturing of the three basic “races” that composed the Brazilian population.